

5 Felizes por enquanto, mas não para sempre

Empreendendo uma viagem de amadurecimento, tal como fizeram várias personagens criadas por Ana Maria Machado, a presente dissertação percorreu profícuos caminhos no universo literário da escritora. Diante da vasta produção da autora, as duas incursões propostas não pretenderam esgotar a investigação das relações de gênero através dos títulos selecionados para o *corpus* de análise.

Convém enfatizar que a intenção inicial para este trabalho era de investigar apenas questões ligadas ao feminino, mas a potencialidade das narrativas estudadas, em que tudo pode ser modificado, convidou a outra abordagem. Assim, emergiu também o interesse em aprofundar olhares sobre as personagens masculinas, que se mostravam despreparadas para lidar com figuras femininas críticas e ativas.

Partindo do pressuposto de que o ato escrever envolve responsabilidade social, percebe-se que Ana Maria Machado não se coloca apenas no papel de escritora, mas também de crítica literária. Nesse sentido, a constante reflexão sobre o próprio fazer literário ajuda a aperfeiçoar seus textos.

Como lembra Marisa Lajolo, “uma obra literária é um objeto social muito específico” (2001, p. 17). Enquanto objeto social, o texto literário veicula uma ideologia através de um discurso que sempre é uma instância de poder, como ensinou o mestre Bakhtin. Assim, a escritora mostra-se consciente de que escrever é uma tarefa que envolve responsabilidade, “principalmente quando se trata de leitores que são crianças, que não têm informação suficiente ou recursos críticos para discernir e analisar a ideologia oculta no que estão lendo, e para ir fazendo mentalmente as correções necessárias” (MACHADO, 1999, p. 32).

A partir do século XVIII, o conceito de infância passa por mudanças, os papéis sociais de homens e mulheres estão diferentes, as relações culturais se alteraram e, como reflexo de

tudo isso, a literatura precisou mudar. Não se entende mais a criança como “vir a ser”, pessoa que precisa ser moldada num adulto exemplar, mas como indivíduo, em formação, mas sem passividade.

Com certeza, Ana Maria Machado insere-se no cenário da literatura brasileira contemporânea de forma marcante e não somente atrelada aos textos ditos “infantis”. Dos registros de menina num diário pessoal à vasta gama de títulos publicados, são vários anos de dedicação à literatura, sem adjetivos reducionistas, como a própria autora gosta de ressaltar.

Como reconhecimento da importância da escritora para a literatura para crianças no Brasil, é crescente o número de pesquisas em nível de especialização, mestrado e doutorado que abordam temáticas relacionadas aos livros de Ana Maria Machado. Nesse cenário, também merece destaque *Tranças de histórias* (2004), livro editado pela UNESP, constituído de 10 artigos acerca de diferentes aspectos da produção literária da escritora. Muitas dessas pesquisas exploram questões relacionadas ao poder e à rigidez de valores herdados da sociedade patriarcal brasileira, com enfoque na desconstrução da condição subalterna da mulher.

Ligado ao segundo eixo temático de pesquisa, inscreve-se o enfoque dado a esta dissertação. Apesar das limitações impostas pela natureza deste estudo, fica evidente que há outras perspectivas a serem exploradas, sobretudo quando se trata da literatura feita para crianças, ainda carente de investigações acadêmicas.

O papel de brinquedos, brincadeiras e jogos juntamente com o desconcerto masculino frente às mudanças de paradigmas sociais de gênero foram os eixos estruturadores desta pesquisa. Como foi possível perceber, por diferentes vias, as narrativas de Ana Maria Machado rompem com os papéis engendrados pela tradição como masculinos e femininos.

Em vários títulos, a autora aponta facetas diferentes do que é ser mulher e ser homem na sociedade contemporânea, marcada pela pluralidade. Como foi visto, retratar figuras

femininas com voz e decididas a ocupar uma posição social relevante não é uma temática retratada em poucas obras de Ana Maria Machado. No que diz respeito ao estudo específico do desconcerto das personagens masculinas frente a esse novo perfil feminino, o campo de pesquisas é amplo e requer mais incursões.

Nas obras analisadas nos capítulos precedentes, as personagens femininas Nita, Isabel, Estela e Princesa que lia caminham na direção contrária ao sistema repressor do patriarcalismo. Como reflexo desse movimento, personagens masculinas como Sérgio, Raul e Príncipe que bocejava precisam se reajustar e, muitas vezes, revelam despreparo para isso. Não se configura, entretanto, uma angústia por parte das personagens masculinas ou femininas no que diz respeito a esses reajustes. Isso não significa que a busca da própria identidade frente aos possíveis reengendramentos seja fácil.

Buscando (des)enquadrarem-se, as personagens das narrativas são acometidas de uma crise de identidade, que se manifesta em diferentes formas. Nessa busca, a viagem desempenha importante papel, não apenas como rito de passagem, mas como forma de amadurecimento. Conhecer o país dos Prequetés, dialogar com passado e futuro, encontrar o Preto Velho ou sair do próprio reino sem destino foram as viagens dos protagonistas das obras analisadas que conduziram a um mesmo lugar: dentro de si mesma(o). Com o afastamento imposto pela viagem, as personagens descobrem que a maior conquista foi a autoconfiança.

Na leitura do *corpus* estudado, evidenciou-se uma maior representatividade de personagens do sexo feminino, sobretudo no papel de protagonista (sozinha ou coletivamente). Nessa marca estilística de Ana Maria Machado, pode-se entrever pelas fímbrias da linguagem sua visão de mundo, sua ideologia. Conforme destacou Carvalho (2004) ao tratar do projeto estético-ideológico da escritora, “seus textos literários são seu testemunho de uma época, onde a mulher, a mãe, a professora, a cidadã e a escritora se fundem para revelar os conflitos humanos do momento em que vivemos” (p. 70-71).

A postura de Ana Maria Machado desafia os leitores a questionarem o mundo de desigualdades em que se inserem. Nessa linha, as minorias ganham vez e voz como os negros, os índios, os velhos, as mulheres, as crianças, as empregadas domésticas e muitos outros.

Em diversas narrativas da escritora, a iniciativa de neutralizar diferenças entre meninos e meninas, principalmente no que diz respeito a brincadeiras e jogos, contribui para a formação do imaginário infantil de maneira menos preconceituosa. Nesse mesmo contexto, revelar o desconcerto das personagens masculinas frente aos novos paradigmas sociais aponta a necessidade de trabalhar essa situação desde a infância, seja através do cotidiano ou da literatura.

Sendo assim, acredita-se que, como as questões de gênero, não são herdadas geneticamente e sim construídas pelo crivo cultural. Dessa forma, a literatura produzida por Ana Maria Machado desempenha importante papel na desconstrução de valores tradicionais de gênero, principalmente se for considerada a grande quantidade de leitores de suas obras.

Afastando da literatura feita para crianças as superficialidades e as soluções fáceis, a obra de Ana Maria Machado tem um compromisso com a formação de um leitor crítico frente às posições sociais de homens e mulheres. Destarte, esses textos abordam a problemática que envolve o convívio entre masculino e feminino frente às mudanças impostas pelo declínio do sistema patriarcal.

Passeando por vários gêneros textuais (poesia, teatro, romance, conto, dentre outros), as obras de Ana Maria Machado não só dialogam com clássicos da literatura brasileira e mundial, mas principalmente com a leitora ou o leitor. Em meio a essa trança de textos e de gente, a autora se eterniza porque sabe que “todas as histórias do mundo não ficam guardadas numa cabeça só, por maior que seja. Ficam é em todas as cabeças do mundo” (MACHADO, 1985, p. 51).

Ana Maria Machado está ciente de que seus livros já influenciaram uma geração, como relatou no artigo “Para uma leitura de resistência”, integrante do livro *Texturas* (2001). Em seus textos, assume a empreitada de desconstruir estereótipos, na acepção barthesiana, que inoculam o preconceito, para propor o novo, protótipos. Acreditando que “as palavras podem tudo”, frase de abertura de *O canto da praça*, a irreverente (A)Nita, por não querer enferrujar como Raul, resolveu fazer alguma coisa para tentar transformar o mundo: escrever.